

Texto e Contexto: uma construção a partir do catador

Obertal Xavier Ribeiro*

José Geraldo da Rocha**

RESUMO: A análise de discurso a partir de uma abordagem socioconstrucionista possibilita a valorização do sujeito na construção de identidade. O discurso de catadores oferece para a construção de texto a descoberta de novos sentidos considerando o fator ideológico e cultural pelo contexto vivencial em que se insere, visto de baixo.

A prática discursiva é um aspecto importantíssimo da cultura, e se expressa na escrita, no texto. A textualização torna-se expressão da oralidade e do discurso em que a biografia se torna bibliografia em contexto determinado pela práxis.

Os processos orais e a construção de texto se desenvolvem considerando os referentes textuais e os referentes situacionais em que o texto em si é compreendido como ato de fala, que evidencia seus sentidos e significados. As falas transcritas evidenciam o sentido e apresentam-se como possibilidade de prática literária de ensino social.

PALAVRAS CHAVES: Discurso, identidade, cultura, texto e catadores.

ABSTRACT: The discourse analysis from a social constructionist approach allows the valuation of the subject in the construction of identity. The discourse of garbage collectors offers for the construction of a text the discover of new meanings given the ideological and cultural factor by the living context in which it appears, viewed from below.

The discursive practice is a very important aspect of culture, and it is expressed in the writing. The textualization becomes an expression of the orality and the speech. On the other hand, the biography becomes bibliography in a context determined by the praxis.

The oral processes and the construction of the text are developed considering the textual and situational referings in which the text itself is understood as a speech act, highlighting their sense and meaning. The transcribed statements demonstrate the sense and are present as possible literary practice of social education.

KEY-WORDS: Discourse, identity, culture, text and garbage collectors.

Introdução:

O valor biográfico é entendido a partir de uma fundamentação socioconstrucionista em que o sujeito, o outro e o global se inter-relacionam constituindo identidade. É a interação que constitui as identidades e essa é a contribuição que o discurso identitário do catador oferece para a análise do discurso.

O texto lido a partir de outros espaços que não o do catador exige a elucidação do contexto para adquirir sentido. Texto e contexto, a possível construção a partir do catador é o conteúdo que se constrói considerando o fator ideológico. O discurso, referido ao testemunho pessoal e às falas aponta para o que é vivencial e visto de baixo. Certamente constrói a história que é escrita, apresenta ideologias que as compõem e práticas que se tornam progressivamente sociais e se defrontam hegemonicamente.

A prática discursiva constitui um aspecto importantíssimo da cultura, porém é preciso expressá-la a partir da escrita, do texto. A textualização como testemunho fala como expressão da oralidade, que é afirmada na sua dimensão discursiva. A biografia se torna bibliografia em contexto determinado pela práxis.

O presente artigo é fruto das discussões sobre o discurso presente na vivência dos catadores em uma comunidade na Baixada Fluminense e que resultaram na Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio no ano de 2010 sob a orientação do Professor Dr. José Geraldo da Rocha.

Serão desenvolvidos dois aspectos: processos orais e construção de texto, destacando os referentes textuais e os referentes situacionais. Em decorrência se pode afirmar que o texto em si é um ato de fala que evidencia seus sentidos e significados. Como fundamentação da dimensão dos referentes situacionais há afirmação da palavra como ação humana, o que leva a concluir finalmente os aspectos ideológicos que sustentam as ações e o texto com seus sentidos e significados. O quanto essas falas transcritas elaboram sentido e propõem um ensino de uma nova prática social literária..

1. As falas e o sentido na construção de texto

Partindo da concepção do texto compreendido como um processo de produção de sentidos, inserido no contexto de símbolos e ideologias, pretende-se descrever como a literatura em relação ao que os catadores fazem têm o seu valor e sua relevância.

Resgatando a fala e os discursos dos catadores com expressões fortes, significativas e próprias, procura-se revelar e referenciar a relação com contexto em que foram enunciadas. A interpretação de expressões simbólicas carregadas de sentido e conteúdo vivencial revela a elaboração de uma cultura que chamamos de “cultura do lixo” ou “cultura do catador” e essa se expressa na vida concreta, na fala circunstancial e se transmite pela escrita, ou seja, pelo texto. Há uma relação entre o texto e contexto, e o seu valor se coloca no momento atual devido ao desafio do aspecto ambiental e da relação de produção e geração de renda que envolve o universo do catador.

O que foi recolhido para essa análise como exemplo, entre tantas outras falas e ditos dos catadores é apontado como elaborador de sentido, como construção textual de uma oralidade. Ingidore Villaça Koch no seu livro “Interação pela linguagem” explica a capacidade do ser humano de agir socialmente por meio da língua e nas condições concretas de produção.

A Teoria da Enunciação tem por postulado básico que não basta ao linguista preocupado com questões de sentido descrever os enunciados efetivamente produzidos pelos falantes de uma língua: é preciso levar em conta, simultaneamente, a *enunciação* — ou seja, o evento único e jamais repetido de produção do enunciado. Isso porque as condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetivos visados na interlocução) são constitutivas do sentido do enunciado: a enunciação vai determinar a que título aquilo que se diz é dito (KOCH. 2008, p. 11-12)

Linguagem e ação se inter-relacionam, ou seja, a enunciação textual refere-se aos atos de fala, ao evento único e original de produção de sentidos. A linguagem é uma forma de ação, todo dizer é um fazer. Neste texto ao resgatar as falas dos catadores, enunciando os três ditos que lhes são característicos, recolhidos da experiência do grupo de catadores no Município de Mesquita, descreve-se como essas expressões revelaram

no texto a relação profunda que há com o contexto em que foram faladas. Há uma articulação entre texto e contexto que se evidencia na prática dos catadores, em que aquilo que para eles se expressa como evidenciação de sentidos para a vida, aqui desenvolvidos, nos ajuda a assimilar o significado para a sua existência concreta, na situação em que estão inseridos. Ingedore trata na mesma obra referida anteriormente, afirmando a relação entre a linguagem e a argumentação.

Quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o "jogo"), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa (KOCH. 2007, p. 29).

Outra abordagem da relação entre texto e contexto é apresentada por Guimarães, tratando da comunicação e da dependência do texto à situação comunicativa, afirmando que é a condição para que o texto preencha plenamente suas funções linguísticas. É necessário buscar o contexto como elemento estrutural do texto para a compreensão do que afirmam os catadores na sua experiência. Na práxis do catador emerge uma mensagem de fundamental importância, de relevância para a textualização, caracterizada por sua linguagem, processo longo de oralidade.

Para uma assimilação adequada da ideia sugerida pela expressão situação comunicativa, recorrer ao conceito de contexto abre por certo ampla margem para uma discussão sistemática das relações entre texto e contexto - o que não nos induz tanto a usar um texto para entendermos o contexto quanto a buscarmos o contexto como elemento estrutural do texto.

No horizonte da práxis, ou no mundo visto *sub specie communicationis*, "a mensagem requer um contexto ao qual remete", ou seja, a presença do texto como forma de sintonização da linguagem com o referente - termo este geralmente adotado pelos linguistas para designar esse contexto (GUIMARÃES. 2007, p.7).

Esse processo de oralidade que referimos como as falas dos catadores, própria da sua cultura e da produção de seu discurso é tomado no espaço acadêmico como revelador linguístico de uma experiência concreta, que deve e pode ser elaborada como

expressão da evolução da língua e da linguagem humana. No texto sobre a construção de sentidos de Ingedore, tratando a intertextualidade, afirma a relação dos textos produzidos com a cultura. Armazenados na memória dos usuários assumem grande relevância no processo de produção textual.

É também por meio da comparação dos textos produzidos em determinada cultura que se podem detectar as propriedades formais ou estruturais, comuns a determinados gêneros ou tipos (intertextualidade de caráter tipológico), que são armazenadas na memória dos usuários sob a forma de esquemas textuais ou superestruturas (cf., por exemplo, Van Dijk & Kintsch, 1983; Vati Dijk, 1983). Tais esquemas, que são socialmente adquiridos, desempenham papel de grande relevância no processamento ((produção/intelecção) textual (KOCH. 2008 p. 61).

A compreensão das expressões resgatadas na trajetória dos catadores, nas suas falas e nos seus discursos, é possível sob o referencial da intertextualidade. A intertextualidade no sentido da cultura dos catadores é implícita e apresenta a possibilidade de recuperar a memória e o significado para construir o sentido do texto. Intertextualidade é compreendida de duas maneiras, a explícita e a implícita. Este texto se ocupa da intertextualidade implícita.

A intertextualidade é explícita, quando há citação da fonte do intertexto, como acontece no discurso relatado, nas citações e referências; nos resumos, resenhas e traduções; nas retomadas do texto do parceiro para encadear sobre ele ou questioná-lo, na conversação. A intertextualidade implícita ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrase e de ironia (KOCH. 2008, p. 63).

As frases que são citadas devem ser colocadas dentro dos devidos referentes. O primeiro chama-se de referentes textuais, que remetem ao próprio texto e o segundo chama-se de referentes situacionais que são extralinguísticos e se referem à diversidade de situações em que se consumam a mensagem. Parafraseando as falas dos catadores, tomando como referência os três ditos fundamentais que fazem parte da prática discursiva do referido grupo que foram apresentadas em estudo teológico de fundamentação bíblica: “Quando nós tocamos no lixo, ele deixa de ser lixo”, “Lixo que não é lixo” e “Lixo é vida, e não negação da vida” (RIBEIRO, 2007, p.6.9.11), afirma-se que é necessário ressaltar a força que as expressões apresentam que podem ser compreendidas como contraditórias e sem sentido. Porém, o conteúdo que essas

afirmações assumem na vida e na história desses falantes é o que interessa e que dá fundamentação à compreensão dos sentidos e significados que o contexto traz à tona, faz emergir da vivência concreta.

Lixo deixar de ser lixo! Lixo não ser lixo! E Lixo ser vida! A intertextualidade no sentido da cultura de catadores é implícita e apresenta a possibilidade de recuperar a memória e o significado para construir o sentido do texto. Intertextualidade é compreendida de duas maneiras: a explícita e a implícita. Esse texto se ocupa da intertextualidade implícita. É do material, é da ação transformadora da matéria e da vida concreta que surgem as afirmações com seus sentidos e com suas significações.

Para maior clareza afirma-se: É na vida e trajetória de trabalho de coleta e seleção, é no manuseio e utilização do material reciclável, que o catador afirma que o lixo deixa de ser lixo. É no exercício da sua ação e da sua prática histórica, é no enfrentamento do mercado, é na atribuição de valor novo ao reciclável na sua comercialização que é possível o catador afirmar vivencialmente, categoricamente e textualmente que lixo não é lixo, e podemos escrever textualmente - Lixo não é lixo! É na história do cotidiano, passo a passo, é na vida concreta associada ao trabalho e ao seu valor e significado promotor da sua dignidade, da sua vida que ele pode afirmar lixo é vida, e podemos semanticamente escrever - Lixo é vida! É necessário compreender o contexto, a situação concreta de vida em que o lixo se torna matéria prima de trabalho, fonte de renda e de ganho alternativo e de subsistência, é expressão da possibilidade de vida e sobrevivência para essa categoria de trabalhador, e podemos afirmar ideologicamente: que tocado pelas mãos que trabalham, lixo deixa de ser lixo!

Essa abordagem implica na compreensão de dois referenciais. Em primeiro, trataremos do texto e em segundo, da situação. Não é possível considerar traços linguísticos isoladamente, precisamos destacar o seu valor polissêmico. “É necessário, portanto, não considerar isoladamente traços linguísticos, mas levar em conta suas relações com a estrutura semântica do texto, onde se manifesta o valor polissêmico desses termos” (GUIMARÃES. 2007, p.8).

É a partir da vida e trajetória de trabalho, é no exercício da ação e da prática histórica, é no cotidiano e é na práxis do catador que o sentido semântico textual e linguístico se manifestam com toda a polissemia que lhe é próprio.

2. Os referentes textuais e situacionais

Os referentes textuais trazem para o leitor a descrição e delimita a contextualização por um segmento específico do texto que se denomina contexto intratextual imediato, que constitui-se pela unidade ou sequência de unidades que no texto se antepõem ou se pospõem. O contexto intratextual imediato de um capítulo de um livro, por exemplo, são os capítulos que o precedem e o seguem, ou de um fragmento de um capítulo, imediatamente, o anterior e o posterior ao mesmo capítulo, e assim por diante.

O contexto intratextual nos processos de construção nos leva a desenvolver seguidamente as referências situacionais, afirmando que o texto é um ato marcado de sentidos e significados, revelando a práxis como fornecedora de subsídios para a textualização. Essa textualização refere-se sempre ao campo ideológico em que o contexto e o texto se articulam.

O contexto é intratextual acumulado, no caso, por exemplo, da narrativa literária da qual se depreende - já pelos valores estruturais que lhe são próprios - um contingente cada vez mais rico de informação contextual, à medida que o texto avança e estabelece, naturalmente, as devidas articulações. Estas, aos poucos, desvelam os agentes da ação dramática, e, dessa maneira, o leitor vai se inteirando do contexto intratextual total.

Entre os índices linguísticos do contexto formal, há também as expressões indiciais, que remetem a componentes da situação comunicativa: os participantes do ato de comunicação (emissor e receptor, ou locutor e alocutário), o momento da enunciação e o lugar do discurso (GUIMARÃES. 2007, p.9).

Assim emerge o agente do discurso, catador, que fala e sua palavra toma forma na língua escrita, expressão da sua linguagem. O que leva a conhecer o campo de ação do catador e a coleta seletiva como possibilidade de expressão cultural e linguística de uma categoria social específica é a articulação entre o fato social e a produção do texto. Este é o propósito da Análise do Discurso. É a possibilidade de dar visibilidade literária

e textual ao cotidiano que assume expressão acadêmica, considerando um referencial teórico e metodológico de tal relevância como o apontado socioconstrucionista. Ele não fica só na ação, mas se desenvolve na construção textual. A língua é uma atitude sociointerativa, histórica e cognitiva que produz um efeito de sentido. A oralidade dos catadores e a textualização apresentada se articulam na construção discursiva e aponta o lugar da fala e da escrita na sociedade contemporânea.

Metodologicamente se parte dos referentes situacionais para atingir a elaboração textual. Os referentes situacionais possibilitam a inserção na realidade concreta, resgatando os valores e os sentidos. Eles diferenciam-se do contexto verbal. Assim o enunciado refere-se diretamente ao exterior, aos elementos reais, à situação concreta. Tratando o tema da oralidade e letramento Marcuschi aponta para a relação entre fala e escrita, considerando o cotidiano. Afirma uma nova concepção de língua e texto como conjunto de práticas sociais.

Hoje, é impossível investigar oralidade e letramento sem uma referência direta ao papel dessas duas práticas na civilização contemporânea. De igual modo, já não se podem observar satisfatoriamente as semelhanças e diferenças entre fala e escrita (o contraponto formal das duas práticas acima nomeadas) sem considerar a distribuição de seus usos na vida cotidiana. Assim, fica difícil, se não impossível, o tratamento das relações entre estas últimas, centrando-se exclusivamente no código. Mais do que uma simples mudança de perspectiva, isto representa a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção de língua e de texto, agora vistos como um conjunto de práticas sociais (MARCUSCHI. 2008 p.15).

Quando os componentes da palavra do catador estão mobilizados, sua significação é elucidada, a ação é evidenciada pela escrita. Esta mobilização é a condição fundamental para que haja comunicação e que seja apreendida a totalidade da realidade, dos sentidos e significados que estão sendo expressos na realidade. Podemos dizer da situação, ou dos referentes situacionais.

Se dimensionado como ideia de código de valores de um dado grupo, o texto passa a referir-se a um contexto real, externo, que não o contexto verbal ou formal da mensagem, conforme vimos. Toma para si a tarefa de atar o enunciado às condições de enunciação - o que significa sua ligação com o universo que lhe é exterior e cujos elementos ele reconstrói. A esses elementos dá-se o nome de referentes situacionais.

Na mobilização de componentes diversos - cognitivos, discursivos, afetivos, sociológicos, culturais - o texto chega a definir-se como a

recriação verbal de dados situacionais, bem como de pressupostos que condicionam sua significação. Inferir do texto as possíveis circunstâncias de enunciação - ou encará-lo à sombra da dependência da situação comunicativa - é exercício cuja ausência privaria sem dúvida o leitor de apreendê-lo na sua totalidade (GUIMARÃES. 2007, p.10-11).

Esse texto quer referir-se a um contexto real, externo à academia, porém nela o enunciado passa a ter sentido e é expresso dentro das regras e exigências da língua e da linguagem. Marcuschi no seu livro “Da fala para a escrita, atividades de retextualização”, trata a língua na sua forma contemporânea, adequada aos fenômenos sociais. Essa é a perspectiva da textualização das falas do catador.

Ao contrário, minha concepção de língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível a mudanças), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas como texto e discurso. (MARCUCCHI. 2008, p. 43).

Ele apresenta a retextualização como elemento importante para o aspecto discursivo na relação entre “Língua falada” e “Língua escrita” distinguindo e relacionando. É heterogênea e vai se determinando no processo de construção do discurso e das práticas sociais.

Essa relação pode dar-se: (a) no plano das formas (códigos, sistemas) e (b) no plano dos processos (realizações, discursos). Quanto às formas, nos situamos no sistema da língua e quanto aos processos, estamos no discurso. Nas atividades de retextualização, temos a ver com os dois aspectos, mas em essência trata-se do aspecto discursivo, ou seja, dos processos. (MARCUCCHI. 2008, p.67).

Assim se reconstrói, se recria e se dá visibilidade verbal ao que se expressa na oralidade, ligando o referencial textual ao referencial situacional. Isso possibilita uma aproximação da totalidade da expressão. Passar da fala para a escrita não é transferir do desorganizado para o organizado, do caos para o perfeito, trata-se de transferência de uma ordem para outra ordem.

3. O texto é um ato, palavra é ação humana

O texto escrito e a palavra dita se articulam e revelam um significado. Não há dicotomia entre texto escrito e a palavra pronunciada. Há uma referência à ação humana e refletem a dinâmica da organização social.

O texto é em si um ato, que é determinado pelo contexto externo. É a forma e a estrutura que dá a possibilidade de interação e de identificação, comunicando sentidos para a prática, orientando o comportamento do ouvinte, do leitor, enfim, do outro com o qual o sujeito da fala e da ação interage. O contexto das interferências externas completa, pois, o da estrutura formal e o do conteúdo temático, e o texto passa a existir num processo global de comunicação e de interação entre o catador e o grupo social, entre o catador e meio ambiente.

Explicitando a importância do texto com ato, temos como fundamentação aquilo que afirma Guimarães a respeito dos conceitos de locutório, ilocutório e perlocutório, como elemento que influencia o comportamento do receptor. Assim também a fala dos catadores é capaz de produzir uma reação, uma mudança no comportamento das pessoas, grupos sociais, instituições a respeito do valor do seu trabalho e da sua atuação no meio ambiente. O elemento determinante é a palavra com seus sentidos e seus significados, que o agente e protagonista, o catador é autorizado, reconhecido a dar, sem ter o domínio das regras do sistema gramatical. E esse universo que compreende a coleta seletiva, a cultura do catador precisa ser conhecido pelo meio social, dando sentido e relevância ao seu falar, ao seu discurso.

Identifica-se como um ato não apenas locutório, ou seja, produzido conforme as regras de um sistema gramatical, mas ainda como um ato ilocutório, isto é, orientado para influenciar o comportamento do receptor, e, finalmente, como um ato perlocutório, responsável pelo efeito produzido no receptor ou alocutário.

Este contexto extraverbal - representado pelo conjunto de objetos, circunstâncias e acontecimentos extralinguísticos a que a mensagem se refere - precisa evidentemente ser conhecido do receptor - sem o que lhe será difícil a compreensão do texto (GUIMARÃES. 2007, p.11).

É importantíssima a compreensão do espaço em que surgem as afirmações, ressaltando o valor do contexto linguístico e do contexto situacional. Há situações que são motivadoras e provocadoras do discurso. Nesse referencial da realidade e da cultura do lixo, o catador, sua vida e sua prática são motivadoras da sua expressão, da sua fala, do seu discurso que se articula entre fala e vida, referentes textuais e referentes situacionais.

O que é falado pelo catador e que aqui é desenvolvido faz parte de um processo articulado. O contexto é o elemento estrutural do texto e apresentam-se com suma importância na constituição do texto. As expressões, que porventura estiverem desvinculadas do contexto linguístico ou do contexto situacional, apresentam-se vagas ou indeterminadas, senão ambíguas. Entre os diversos sentidos de uma palavra, somente emerge à consciência aquele que é determinado pelo contexto. Os sentidos das palavras do catador são aqueles que emergem da sua vida, da sua história e da sua cultura, da sua trajetória e da sua experiência que assumem uma expressão e significado na língua escrita.

A língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. Não se trata de um espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala. É por isso que podemos encontrar muitos correlatos entre variação sociolinguística e variação sociocultural. Análises interessantes sob este aspecto são as oferecidas por Duranti (1997) em sua obra sobre antropologia linguística, ao frisar que a língua é uma parte da cultura, mas uma parte tão decisiva que a cultura se molda na língua. No entanto, seria equivocado ver uma homologia entre língua e cultura, pois conhecer uma não equivale a conhecer a outra.

Na tradição filosófica ocidental, nos acostumamos a distinguir entre natureza e cultura, atribuindo à cultura tudo aquilo que não se dá naturalmente. No entanto, hoje, esta distinção está cada vez mais difícil de ser mantida, como, de resto, acontece com todas as dicotomias. O certo é que, como lembra Duranti (1997), a cultura é um dado que torna o ser humano especial no contexto dos seres vivos. Mas, o que o torna ainda mais especial é o fato de ele dispor de uma linguagem simbólica articulada que é muito mais do que um sistema de classificação, pois é também uma prática que permite que estabeleçamos crenças e pontos de vista diversos ou coincidentes sobre as mesmas coisas. Daí ser a língua um ponto de apoio e de emergência de consenso e dissenso, de harmonia e luta. Não importa se na modalidade escrita ou falada. Podemos observar que a construção de categorias para a reflexão teórica ou para a classificação é tanto um reflexo da linguagem como se refletem na linguagem e são

sempre construídas interativamente dentro de uma sociedade (MARCUSCHI, 2008, p.35).

Essa afirmação exige a compreensão da vinculação entre a expressão e o extralinguístico. A vinculação entre o plano da expressão e o do referente extralinguístico, ou seja, entre as situações motivadoras e as marcas do enunciado, tece a plenitude do texto. Ou este será a resultante da articulação entre a estrutura abstrata profunda e a estrutura discursiva manifestada. Neste sentido o texto de Guimarães nos orienta para o desenvolvimento da isotopia que garante a transmissão da mensagem no seu sentido pleno dentro da sua articulação de contexto e situação.

No contexto que semantiza o texto e desenvolve a *isotopia* sobre a qual os enunciados devem ser lidos, está o arsenal de dados para a garantia da transmissão e da assimilação da mensagem.

Contexto e situação - ou *referentes textuais* e *referentes situacionais* articulados - compõem a unidade linguística semântica e pragmática, indispensáveis para conferir ao texto significado pleno (GUIMARÃES, 2007, p.12-13).

É no contexto das falas dos catadores que o texto pode ser construído e lido com os seus significados, considerando suas representações e valores culturais. A palavra é uma ação humana. As palavras têm vida e revestem-se de significado pelas ações que as sustentam e dão seu sentido. Elas produzem e reproduzem nas suas expressões a procura de caminhos que indiquem a construção de sentidos novos para o que na prática dos catadores nem sempre é assimilada. Assim, a fala do catador expressa a construção de sentido para aquilo que suas mãos realizam, para aquilo que sua ação constrói na sua trajetória.

As suas falas recolhidas em texto escrito, apresentam a possibilidade de assimilação para o espaço linguístico e cultural, daquilo que elaboram na vida. Eles expressam entre outras falas significativas as que seguem e que foram analisadas noutro contexto: Quando tocamos no lixo ele deixa de ser lixo!, Lixo não é lixo! e Lixo é vida! Expressões aqui indicadas que representam o sentido da vida e do trabalho, da práxis e do conteúdo significativo do seu discurso. Por suas falas evidenciam as manifestações próprias de sua cultura. Tomando como referência os três ditos fundamentais que fazem parte desta prática discursiva, compreende-se o sentido do lixo, o sentido da

vida e o sentido do vir a ser. Para eles têm sentido na vivência, porém, precisa de elaboração textual.

Há um intercâmbio entre o sentido e o discurso. Baccega nos ajuda a entendê-lo na introdução do seu livro *Palavra e Discurso: História e Literatura*, em que trata do indivíduo, do valor da pessoa, da palavra enquanto ação humana.

Possibilitar ao indivíduo exercer sua capacidade de produzir novas ações, novas significações, portanto novas palavras (e não apenas repetir as consagradas), é a outra ponta da raiz multifacetada da origem deste trabalho. Como enfrentar os discursos entre os quais circulam todas as pessoas e levá-las a ser donas de sua voz, apropriando-se deles criticamente; como reconhecer as características de algumas vozes que falam como sujeitos para que formem, com cada um de nós, a ciranda dos indivíduos/sujeitos que, com emoção, se apropriam da história, conduzindo-a (BACCEGA. 2007, p.6-7).

A produção de sentidos está na sociedade e na história. A compreensão e a consciência de que os catadores são os protagonistas do que eles constroem na sua história e na sociedade é fundamental e importantíssimo nessa elaboração. Dá sentido à sua presença e existência concreta, ainda que anonimamente. O que eles fazem são marcos de importância reconhecidos em suas práticas, que são na realidade discursos verdadeiros e com sentidos e significados relevantes, adequados, propícios e necessários para a urgência da questão do meio ambiente. É inegável a necessidade do catador em nosso meio, por razões diversas que demandam o seu trabalho e o seu exercício. O sentido vem pela verbalização. Ele tem uma voz que precisa ser escutada, entendida, reconhecida e expressa. Sua fala é universal e produz sentido para si e para a sociedade, nas suas necessidades fundamentais de cuidado com a natureza.

A produção de sentidos é afirmada por Baccega, ajuda a compreender a importância daquele que pronuncia e daquele que ouve. Com isso se afirma o quanto o catador se apropria do seu discurso e tem um público que o escuta.

A linguagem supõe sempre a existência de indivíduos socialmente organizados. São eles que vão fazer um "contrato" entre eles e instituir os significados. As condições reais do momento em que a linguagem é utilizada determinam a maneira de usá-la. Basicamente, porém, podemos dizer que toda palavra dirige-se a um interlocutor, presente ou ausente (o outro): ou seja, há sempre um "auditório" estabelecido. Ela carregará, portanto, três dimensões: procede de alguém (há alguém que fala),

dirige-se para alguém (o outro) e procura persuadir, convencer (em maior ou menor grau) (BACCEGA. 2007, p.31-32).

O catador se apropria desse universo e do espaço da coleta seletiva. Ele é o sujeito da prática e do discurso. É a própria afirmação da prática discursiva. Pela fala ele reproduz o que é praticado, traduz seu exercício vivente, dando um sentido novo, ele é inovador. Ele dá sentido novo às palavras já tão usadas pelo ato de fala e pela práxis concreta. É necessário contextualizar como se dá esse processo na história da construção dos sentidos.

E como nasce o sentido da palavra de que nos apropriamos? Como se produz? E o sentido das "novas" palavras?

O sentido de uma palavra "nasce", produz-se, em geral, a partir de mudanças sociais, a partir de novas teorias, a partir de conteúdos novos — de novas ações humanas, enfim. Essas novas ações brotam a cada momento no cotidiano, muitas vezes num processo lento, outras vezes rapidamente, de acordo com o momento histórico (BACCEGA. 2007, p.32).

O sentido novo que os catadores propõem é resultado de um processo de apropriação de uma linguagem, de uma mudança de costumes e práticas. É um processo longo de tomada de consciência, de reeducação, de reelaboração, da compreensão da sua existência, do mundo que o envolve, do universo que precisa ser preservado.

Há outro aspecto relevante na sua ação que produz efeitos sobre a sociedade, que dá a possibilidade de gerar trabalho e renda, de recriar a existência a partir da força produtiva. Essas são formas novas e sentidos novos, ou formas antigas com novos sentidos, avançando, manifestando um processo histórico em que o protagonismo do catador se faz evidente diante de formas já existentes de prover a existência, de cuidar do universo, de trabalhar e de conseguir resultados positivos com a força do trabalho.

O cuidado com meio ambiente e com o trabalho contêm um sentido novo, dando à atividade do catador, a sua práxis um significado inovador. O lixo produzido pelas residências, escolas, instituições recebem um conteúdo novo a partir do catador: “Lixo não é lixo”; por exemplo, ganha um sentido novo porque é expresso pelo catador, e ganha um sentido novo na academia, neste texto por reconhecer o protagonismo do sujeito que o enuncia. Tem sentido histórico, político, econômico diferente e não atribuído anteriormente. É o cotidiano do catador que faz emergir este sentido e mais

do que isso é ele quem o dá materialidade e o interioriza ideologicamente no sentido de desenvolvimento social.

Normalmente, é no cotidiano que se pode perceber o processo de mudança social, portanto de surgimento de novos sentidos, ainda que às vezes lento. O nosso cotidiano é vivido num tumulto de expressões, que materializam nossa vida social e que regem o nosso mundo interior. É o que Bakhtin (1988) chama de ideologia do cotidiano, como forma de distinguir tais procedimentos dos sistemas ideológicos já constituídos, como a moral, o direito, etc., que regem a sociedade (BACCEGA. 2007, p.33).

É necessário então pensar o que até agora foi afirmado partindo da compreensão de aspectos da ideologia relacionada ao cotidiano do catador. Vamos relacionar o ato de fala e da escrita com a significação da fala explicitada já como expressão escrita, na sua relação com a ideologia.

4. A ideologia e o discurso de catadores

A ideologia é construto de referência teórica valorosa para a compreensão da prática e de análise de discurso de catadores. É na prática cotidiana que se percebem o sinal, o sentido da mudança frente ao que está estabelecido, que determinadas categorias de pessoas têm o valor da vida negado. Isso se reverte na observação dos valores que emergem da cultura e da ideologia de catadores e que são por eles enunciados, como por exemplo, “lixo é vida!”.

É nessa ideologia do cotidiano do catador que se manifesta o movimento das inovações, da produção de novos sentido alicerçado em novas ideologias. O sentido no processo de interação social. À medida que o universo do catador se amplia, tanto mais e novos sentidos vão se produzindo a partir da sua práxis. Eles são inesgotáveis e remetem sempre para a sua ação, para a dinâmica da vida, para o cotidiano e para o mundo que o cerca. O catador é formador da sua linguagem e por isso o que vem dele toma forma e importância numa elaboração acadêmica, na compreensão das ciências humanas e das ciências sociais e da língua falada e escrita como elemento dinâmico. Esse conjunto, sentido e práxis, teoria e prática do catador faz emergir o significado da

linguagem. São saberes e provoca a construção do conhecimento, que é elaborado cientificamente pelas ciências humanas e sociais.

A dimensão da práxis é relevante na construção dos sentidos em relação a palavra – discurso do catador e sua ação. Podemos usar aqui a expressão “sua teoria e sua prática”, não em oposição, mas como complemento. Para a construção da realidade do catador com o universo que o cerca e a elaboração do conhecimento, ele apropria-se dos sentidos das palavras, dos signos, reelaborando-os. O lixo é reelaborado no discurso e a partir daí “lixo não é lixo”. Lixo é novo significado na construção do discurso, “quando tocamos no lixo ele deixa de ser lixo”. Enfim, a vida é resignificada quando afirma “lixo é vida!”.

É preciso afirmar que não só a vida do catador, mas também a existência dos outros, enfim, a vida no planeta é reelaborada e resignificada a partir dele. Assim percebe-se quanto se amplia o discurso do catador e quanto sua linguagem se tornam universal partindo do sentido que tem inicialmente para ele, atingindo espaços bem mais amplos e abrangentes. Essa amplitude e abrangência não se consegue somente pelo discurso, mas pela articulação da práxis nesse caso específico da práxis discursiva.

A práxis inclui o conjunto dos campos semiológicos, das atividades e comportamentos que se transmite cotidianamente, formados e elaborados na linguagem do catador e nas interrelações estabelecidas que não se reduz à palavras, mas que estão em perfeita harmonia com a sua prática. É a palavra do catador que externaliza, penetra os diversos espaços da sua atuação e da sua relação com catadores e não catadores.

A ação do catador se mantém pela sua palavra. Esse texto resgata a fala do catador para dar visibilidade a sua ação. A linguagem verbal é acentuada na dimensão da visibilidade do que o catador é e faz. É através da consciência verbal que a realidade da reciclagem é compreendida no universo que o ele ocupa, dando-lhe sentido, revelando a base conceitual, como formador de consciência.

É verdade que no interior da sociedade as relações não se estabelecem e se mantém só com a linguagem verbal. Qualquer "comunicação" está grávida de determinações sociológicas e manifesta-se nos vários campos semiológicos. Mas é a palavra que acompanha, comenta, permite a

compreensão das elaborações de todos esses campos semiológicos. Todos eles se banham na palavra (BACCEGA. 2007 p.37-38).

A criação do novo só se realiza através da palavra. As afirmações encontradas nesse texto quer ressaltar o valor da palavra do catador como criação do sentido do novo que se efetiva como práxis ou como teoria, como ação ou como conceito através da palavra. É o sujeito que toma a palavra, é o catador quem fala efetivamente. É a palavra que se efetiva pela fala e pela ação do catador. É através de um ato de fala que o protagonista da coleta seletiva estabelece concretamente sentidos, significados e valor, seja redescobrimo ou descobrimo, recriando ou criando, na dinâmica da práxis e do cotidiano. Refere-se à construção de texto, vinculada à ação prática e oral. Articula o processo de construção do texto com a ação prática discursiva dos catadores, em que a oralidade é relevante. A fala remete ao contexto, elemento fundamental para a produção de texto. A articulação entre o texto e contexto expressa o sentido para a assimilação dos significados da existência concreta do grupo de catadores, em que o texto está inserido.

Os elementos dos referentes textuais e dos referentes situacionais foram destacados considerando a prática da coleta seletiva e de seus sujeitos na elaboração da linguagem e na produção de textos. A afirmação fundamental é que o texto é um ato e a palavra é uma ação humana, carregada de sentidos e significados que revelam a ideologia na dinâmica do cotidiano

Referências bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. Palavra e discurso: história e literatura. São Paulo, Ática, 2007.

DURANTI, Alessandro. 1997. Linguistic Anthropolgy. Cambridge, Cambridge University Press.

GUIMARÃES, Elisa. A articulação do texto. São Paulo, Ática, 2007.

KOCH, Ingridore Grunfeld Villaça. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingridore Grunfeld Villaça. O texto e a construção de sentidos. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2008.

RIBEIRO, Obertal Xavier. In: Iahweh levanta do pó o fraco e do monturo o indigente: a reciclagem do lixo como atividade alternativa geradora de vida para o pobre e para o meio ambiente. São Leopoldo, 2007.

VAN DIJK, T.A & W. Kintsch. Strategies of discourse comprehension. Nova Iorque: Academic Press, 1983.

* É mestre em Letras e Ciências Humanas pela UNIGRANRIO - Universidade do Grande Rio. É teólogo com ênfase em Teologia Bíblica. Atualmente é professor na Universidade Celso Lisboa na área de filosofia, filosofia da educação, epistemologia, ética, ética aplicada e antropologia. Trabalha no CEAP - Centro de Articulação de Populações Marginalizadas com populações remanescentes de quilombos e assessoria pedagógica na formação de professores do Ensino Fundamental e Médio na área da História e Literatura dos afro-descendentes na implementação da Lei 10.639/03. É professor de Filosofia do Ensino Fundamental na Cooperativa de Trabalhadores em Educação Recanto do Fazer de Nova Iguaçu - COEDUCAR. Está cursando pós-graduação em Docência do Ensino Fundamental e Médio na Universidade Cândido Mendes.

**Professor Dr Adjunto do Programa de Pós Graduação em Letras e Ciências Humanas da Universidade Unigranrio.